

# INSURGENTE

VERONICA ROTH

Tradução de  
Pedro Garcia Rosado

 Porto  
Editora

*Como um animal selvagem, a verdade  
é demasiado poderosa para ficar presa numa jaula.*

– Do manifesto da facção dos Cándidos

## Capítulo Um

Acordo com o nome dele nos meus lábios.

*Will.*

E antes de abrir os olhos vejo-o outra vez dobrar-se sobre si próprio e cair no chão. Morto.

E fui eu que o matei.

Tobias agacha-se à minha frente, pondo-me a mão no ombro. O comboio continua pelos carris fora aos solavancos e Marcus, Peter e Caleb já estão junto à porta do vagão. Inspiro profundamente e aguento o ar dentro de mim na tentativa de aliviar a pressão que está a crescer no meu peito.

Há uma hora atrás nada do que estava a acontecer me parecia real. Mas agora já parece.

Expulso o ar dos pulmões mas a pressão não desaparece.

– Vá, Tris – diz-me Tobias, a olhar para mim. – Temos de saltar.

Está demasiado escuro para podermos ver onde nos encontramos, mas se temos de sair é provável que estejamos junto da vedação. Tobias ajuda-me a levantar e guia-me até à entrada.

Os outros saltam um por um: primeiro, Peter, a seguir, Marcus, depois Caleb. Agarro a mão de Tobias. O vento torna-se mais forte quando nos aproximamos da porta do vagão, como uma mão que me quisesse empurrar para trás, para onde é seguro.

Mas saltamos para a escuridão e eu aterro com força no solo. Sinto a dor que o impacto provoca na ferida provocada pelo tiro no meu ombro. Mordo o lábio para não gritar e procuro o meu irmão.

– Estás bem? – pergunto-lhe ao vê-lo sentado no meio das ervas, a poucos metros de distância, a esfregar um joelho.

Caleb acena afirmativamente com a cabeça. Ouço-o fungar, como se estivesse a fugir às lágrimas, e obrigo-me a voltar-lhe as costas.

Aterrámos nas ervas junto à vedação, bastante longe da estrada de terra utilizada pelos camiões dos Cordiais para entregarem alimentos na cidade e do portão por onde são autorizados a sair. E que agora está fechado, prendendo-nos no interior da cidade. As torres que acompanham a vedação estão por cima de nós, demasiado altas e flexíveis para as podermos escalar e demasiado robustas para as conseguirmos deitar abaixo.

– Deviam estar aqui guardas dos Intrépidos – afirma Marcus. – Que é feito deles?

– Talvez estejam ainda sob os efeitos da simulação – responde Tobias – e agora... – Faz uma pausa. – Devem estar não se sabe onde, a fazerem não se sabe o quê.

Travámos a simulação – o peso do disco rígido no meu bolso de trás não me permite esquecê-lo – mas não ficámos à espera para saber o que aconteceria depois. Aos nossos amigos, aos nossos colegas das fações, aos nossos líderes... e às fações. Não há forma de o sabermos.

Tobias aproxima-se de uma pequena caixa de metal do lado direito do portão e abre-a, revelando um teclado.

– Esperemos que os Eruditos não tenham pensado em mudar o código – diz, enquanto digita uma série de algarismos. Para ao oitavo e o portão abre-se com um estalido.

– Como é que sabias? – pergunta Caleb. A emoção torna-lhe a voz arrastada e eu quase fico surpreendida por ele não sufocar com as palavras e o som que elas fazem quando lhe saem da boca.

– Trabalhei na sala de controlo dos Intrépidos, a monitorizar o sistema de segurança. Só mudávamos os códigos duas vezes por ano – responde Tobias.

– Que sorte – comenta Caleb com ar desconfiado.

– A sorte não tem nada a ver com isto – replica Tobias. – Só estava lá a trabalhar porque quis ter a certeza de que estaria em posição de me escapar.

Até estremeço. O modo como ele fala em escapar-se... É como se ele estivesse a pensar que estamos encurralados. Nunca pensei no assunto desta maneira e agora parece-me que fui tonta.

Começamos a andar sem nos distanciarmos uns dos outros, Peter com o braço ensanguentado encostado ao peito – foi onde lhe dei um tiro – e Marcus com uma mão no ombro dele, ajudando-o a manter-se firme. Caleb está sempre a limpar as faces e percebo que está a chorar, mas não sei como poderei reconfortá-lo nem por que motivo não estou também a chorar.

Em vez disso, ponho-me à cabeça do grupo, ao lado de Tobias, que se mantém em silêncio. Ele não me toca, mas a sua presença dá-me força.

\*

Os pontos luminosos são o primeiro sinal de que estamos a aproximar-nos do quartel-general dos Cordiais. Vemos depois quadrados de luz que se transformam em janelas muito bem iluminadas. E um aglomerado de edifícios de madeira e de vidro.

Antes de lá chegarmos, no entanto, precisamos de atravessar um pomar. Os meus pés afundam-se no solo e, por cima de mim, os ramos entrelaçam-se e formam uma espécie de túnel. Por entre as folhas pendem frutos muito maduros e prestes a cair. O cheiro agridoce de maçãs podres mistura-se no meu nariz com o da terra húmida.

Quando chegamos perto, Marcus deixa Peter e vem ter connosco. «Sei por onde devemos ir», diz-nos.

Conduz-nos do primeiro edifício que encontramos para o segundo, à nossa esquerda. Todos os edifícios, com exceção das estufas, são feitos da mesma madeira escura, que não é tratada nem pintada. Por uma janela aberta ouço risos. O contraste entre o riso e o silêncio de chumbo que sinto dentro de mim abala-me.

Marcus abre uma das portas. Sentir-me-ia chocada com a ausência de segurança se não estivéssemos no quartel-general dos Cordiais. Eles confundem muitas vezes confiança com estupidez.

O único som que ouvimos neste edifício é o do ranger dos nossos sapatos. Já não ouço Caleb a chorar, mas ele antes também o estava a fazer em silêncio.

Marcus detém-se perante uma porta aberta que dá para uma sala onde se encontra Johanna Reyes, a representante dos Cordiais, sentada a olhar pela janela. Reconheço-a porque é difícil esquecer o seu rosto, quer a tenhamos visto uma ou mil vezes. Tem uma cicatriz proeminente que vai

da sobrancelha direita até ao lábio, fazendo-a cega desse olho e obrigando-a a ciciar ligeiramente quando fala. Só a ouvi falar uma vez mas lembro-me bem. Teria sido uma mulher muito bonita se não fosse a cicatriz.

– Oh, graças a Deus – diz, ao ver Marcus. Dirige-se a ele, de braços abertos. Mas, em vez de o abraçar, limita-se a tocar-lhe apenas nos ombros, como se de repente se lembrasse da aversão que os Abnegados têm pelo contacto físico ocasional.

– Os outros membros do teu grupo já cá chegaram há algumas horas mas não tinham a certeza de que tivesses conseguido escapar – diz-lhe Johanna. Está a referir-se ao grupo dos Abnegados que estavam com o meu pai e Marcus no refúgio. Nem pensei em preocupar-me com eles.

Johanna olha depois para nós por cima do ombro de Marcus, primeiro para Tobias e depois para Caleb, para mim e para Peter.

– Oh, caramba – diz, ao ver a mancha de sangue da camisola de Peter.  
– Vou chamar um médico. Posso autorizar-vos a ficarem cá esta noite mas amanhã a decisão tem de ser tomada pelo conjunto da nossa comunidade. E – olha para Tobias e para mim – não me parece que eles fiquem entusiasmados com a presença de Intrépidos na nossa sede. E é claro que tenho de pedir-vos para entregarem quaisquer armas que tenham convosco.

Fico de repente a pensar como é que ela sabe que eu pertenço aos Intrépidos. Ainda tenho vestida uma camisola cinzenta. A camisola do meu pai.

Ao lembrar-me sinto-me dominada pelo cheiro dele, uma mistura de sabonete e de suor, e só sou capaz de pensar nele. Cerro os punhos com tanta força que as unhas cravam-se-me na pele. *Aqui não. Aqui não.*

Tobias entrega a pistola, mas quando eu levo uma mão ao bolso das calças, para retirar a arma que escondi, ele agarra-me a mão e desvia-me das costas. Depois entrelaça os dedos nos meus para dissimular o gesto.

Sei que é inteligente manter uma das pistolas connosco. Mas sentir-me-ia aliviada se a pudesse entregar.

– Chamo-me Johanna Reys – diz ela, estendendo-me a mão e depois a Tobias. É um cumprimento à maneira dos Intrépidos. Impressiona-me o conhecimento que ela tem dos costumes das outras fações. Esqueço-me sempre de como os Cordiais são atenciosos até ao momento em que o vejo por mim própria.

– Este é o T... – começa Marcus mas Tobias interrompe-o.

– Chamo-me Quatro e estes são a Tris, o Caleb e o Peter.

Há poucos dias, só eu, entre os Intrépidos, conhecia esse nome. Foi uma coisa só dele que Tobias me deu. Fora do quartel-general dos Intrépidos, lembro-me do que o levou a esconder esse nome do mundo. É o que o liga a Marcus.

– Sejam bem-vindos à sede dos Cordiais – diz Johanna, com os olhos cravados em mim e com um sorriso pouco descontraído. – Deixem-nos cuidar de vocês.

\*

E deixamos. Uma enfermeira dos Cordiais dá-me uma pomada – desenvolvida pelos Eruditos com o objetivo de acelerar a cura dos tecidos – para eu aplicar no ombro e depois leva Peter ao pavilhão hospitalar, onde lhe tratarão do braço. Johanna acompanha-nos de seguida ao refeitório, onde encontramos alguns dos Abnegados que estavam no refúgio com Caleb e o meu pai. Susan também aí está, bem como alguns dos nossos antigos vizinhos, em mesas de madeira compridas que são tão compridas como o próprio refeitório. Recebem-nos – e a Marcus em especial – com os olhos marejados de lágrimas e sorrisos contidos.

Agarro-me ao braço de Tobias. Estremeço perante o conjunto dos membros da facção dos meus pais, das suas vidas, das suas lágrimas.

Um dos Abnegados põe-me uma caneca com um líquido fumegante debaixo do nariz e diz-me:

– Beba isto. Vai ajudá-la a dormir como ajudou alguns dos outros. E sem sonhos.

O líquido é avermelhado, quase cor-de-rosa. Parece de morango. Pego na caneca e bebo o líquido rapidamente. Durante alguns segundos, o calor que ele transmite faz-me sentir cheia de qualquer coisa que não identifico. E quando bebo as últimas gotas sinto-me mais descontraída. Alguém me conduz por um corredor até um quarto onde há uma cama. E é tudo.